

**Uma amarra ao mar e outra à terra.
Cristãos-novos no Algarve (1558-1650)**

Carla da Costa Vieira

TESE DE DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA

ECONÓMICA E SOCIAL MODERNA

Dezembro 2012

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em História Económica e Social Moderna, realizada sob a orientação científica do Prof. Doutor João José Alves Dias

Apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.

Em memória do meu pai

AGRADECIMENTOS

Uma tese nunca é um trabalho solitário. Por isso, aqui ficam os meus agradecimentos:

Ao meu orientador, o Prof. Doutor João José Alves Dias, pela disponibilidade e pelos oportunos conselhos e sugestões.

Ao Centro de Estudos Históricos, pelo apoio prestado.

À Cátedra de Estudos Sefarditas, onde dei os meus primeiros passos enquanto investigadora e que, durante estes anos, alicerçou o meu trabalho.

À Fundação para a Ciência e Tecnologia, pelo apoio financeiro concedido, sem o qual seria muito difícil dedicar-me a tempo inteiro à produção da presente tese.

Aos funcionários e responsáveis pelos arquivos e bibliotecas onde desenvolvi a minha investigação, em particular ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, à Biblioteca Nacional de Portugal e ao Arquivo Distrital de Faro. Um especial agradecimento ao Padre Afonso da Cunha, que me disponibilizou a consulta de documentos do Arquivo Episcopal de Faro.

Aos meus colegas investigadores, sempre diligentes na troca de ideias, informações e sugestões. Um sincero obrigado, em particular, a: Maria Fernanda Guimarães, Susana Bastos Mateus, Pedro Pinto, Alice Tavares, Florbela Veiga Frade, Sandra Neves Silva, Hugo Crespo, Maria João Estêvão e a todos os que se disponibilizaram a prestar-me uma preciosa ajuda na produção do presente trabalho.

À minha família e aos meus amigos, pelo apoio, paciência, carinho e dedicação.

A todos, muito obrigada!

UMA AMARRA AO MAR E OUTRA À TERRA. CRISTÃOS-NOVOS NO ALGARVE (1558-1650)

ONE CABLE TO THE SEA AND OTHER TO THE LAND. NEW CHRISTIANS IN ALGARVE (1558-1650)

Carla da Costa Vieira

Em Dezembro de 1558, uma cristã-nova de Vila Nova de Portimão, Grácia Mendes, apresentou-se perante o vigário-geral do Algarve para se confessar judaizante e denunciar outros que, tal como ela, criam na Lei de Moisés e guardavam as suas cerimónias. Começava assim a primeira entrada da Inquisição no Algarve. Até meados do século XVII, mais duas vagas de prisões registaram-se na região, uma com início na visita inquisitorial de 1585, outra prolongando-se pelas décadas de 30 e 40 de Seiscentos. Em quase um século, ultrapassaram os oitocentos os cristãos-novos residentes no Algarve alvo de processo inquisitorial. A par da perseguição religiosa, também enfrentavam o ostracismo social, sustentado no estigma do “sangue hebraico”, ao qual o discurso oficial associava todos os vícios e, em particular, a tendência natural para a heresia.

A questão coloca-se em como estes dois fenómenos – a perseguição e a exclusão – influenciaram a evolução da minoria cristã-nova num espaço que, pelas suas próprias características, também se revelou um factor essencial na definição da identidade do grupo e na sua transformação. Os locais de residência mudaram: por um lado, dentro das próprias cidades e vilas, acompanhando o seu próprio desenvolvimento; por outro, no abandono da terra natal rumo a outras paragens, dentro e fora do Algarve, dentro e fora de Portugal. A mobilidade do grupo era intensa e ainda mais quando encorajada pela ameaça do cárcere. Para muitos, a própria actividade profissional exigia um constante trânsito. O comércio, a par com os mesteres, era a área de actividade predominante. Porém, o vínculo à terra nunca chegou a ser quebrado e, com o avançar do século XVII, tornou-se cada vez mais sólido. Também mais sólidos tornaram-se os laços com famílias cristãs-velhas, consagrados através de uniões matrimoniais. A consequência foi o aumento do número de indivíduos de “sangue misturado”, os quais, na terceira entrada da Inquisição no Algarve, representam já a maioria dos processados.

Assimilação? Essa é uma ideia que contrasta com o facto de cristãos-novos, independentemente da sua proporção de “sangue hebraico”, continuarem a povoar os cárceres e a ser alvo de discriminação no acesso a ofícios e instituições. Continuava a ser-lhes associadas crenças, comportamentos e rituais alegadamente judaizantes. As confissões dos réus indiciam uma transformação a este nível, fruto da necessidade de reforçar o segredo e a simulação face à crescente pressão do Tribunal, mas também do progressivo conhecimento da forma como funcionava a máquina inquisitorial e das estratégias para conseguir uma pena mais leve e um cárcere mais curto.

Quando chegamos a meados do século XVII, o cenário que encontramos é o de um grupo dividido: por um lado, os que tendem a se aproximar da maioria cristã-velha; por outro, os que afirmam e se orgulham da sua identidade de “gente de nação”. Entre os judaizantes, essa divisão traduz-se na sua fé e na ritualização da mesma, uma dualidade que extravassa os domínios do público e do privado, os quais, aos olhos da Inquisição, constituem as fronteiras da vida religiosa do judaizante: cristão público, judeu secreto.

PALAVRAS-CHAVE: Algarve, Inquisição, Cristão-Novo, Judaizante, Sangue.

In December of 1558, a New Christian from Vila Nova de Portimão, Grácia Mendes, introduced herself before the *vigario-geral* of Algarve to confess that she had been a judaizer and to accuse other people that, as she, had believed in the Law of Moses and had kept its ceremonies. In this manner, the first wave of inquisitorial arrests in Algarve began. Until the middle of the 17th century, two more waves had happened in the region, one beginning with an inquisitorial visit in 1585, other in the 1630s and 1640s. In nearly one century, over eight hundred New Christians from Algarve had had inquisitorial trials. Besides the religious persecution, they also struggled against the social ostracism supported by the “Jewish blood” stigma, which the official discourse related to all faults and, particularly, to the natural tendency for heresy.

The question is how these two phenomena – the persecution and the exclusion – influenced the evolution of the New Christian minority in an area that, because of its own characteristics, was also an essential factor to the definition of the group identity and its transformations.

The residential areas changed: in one hand, inside the cities and the towns, following its own development; in other, with the leaving of the birth place for other lands inside and outside Algarve, inside and outside Portugal. The group mobility was intense, principally if motivated by the threat of prison. For many of them, the professional activity required permanent circulation. The trade, as well as the crafts, was the prevailing activity among New Christians from Algarve. However, the connexion with farming never disappeared, on the contrary it became more solid along the 17th century. The ties with Old Christian families also became stronger, due to matrimonial unions between them. The consequence was the increase of individuals with “mixed blood”, which had been the majority of the trialed New Christians during the third wave of inquisitorial arrests in Algarve.

Assimilation? This is an idea that goes against the fact of the New Christians, independently of their proportion of “Jewish blood”, still being arrested by the Inquisition, as well as discriminated against in the access to some positions or institutions. Some beliefs, behaviours and rituals, supposedly Judaizing, were still being linked to them. The defendants’s confessions evidenced a transformation in these aspects, due to the indispensable strengthening of the secret and simulation before the growth of the Inquisition’s menace, but also thanks to the advancing knowledge about the way how the Court worked and about the best strategies to obtain a more lenient sentence and a shorter prison time.

In the middle of 17th century, New Christians were a divided group: some of them becoming closer to the Old Christian majority, others still affirming and being proud of their New Christian identity. Among the Judaizers, this division happened also in their beliefs and rituals, a duality that crossed the limits between the public and private worlds, which the Inquisition identified as the boundaries of their religious life: public Christians and secret Jews.

KEYWORDS: Algarve, Inquisition, New Christian, Judaizer, Blood.

ÍNDICE

Introdução	1
O Reino do Algarve nos séculos XVI e XVII	13
I. Sob o encalço da Inquisição	
1. 1558-1570: A primeira entrada da Inquisição no Algarve	29
Nos primeiros anos da Inquisição em Portugal	29
A Inquisição entra em Vila Nova de Portimão	36
Descobrir os judaizantes de Silves	44
Em Lagos, esperava-se pelo Messias.....	46
Ajuntamentos em Tavira.....	53
Novas de Além-Mar	57
2. 1585-1600: A visita inquisitorial e uma nova vaga de prisões.....	61
1585, Algarve visitado.....	62
O degredo da peste.....	70
Uma família de Faro nos calabouços.....	73
Uma temporada no Moinho do Diabo	77
Os Gramaxo	80
A mezinha do mau-olhado.....	83
Multiplicam-se as prisões em Vila Nova de Portimão	86
A vaga extingue-se	90
3. 1600-1630: Um período de interregno?	92
O perdão geral de 1605.....	93
De feira em feira, entre o Algarve e o Alentejo.....	99
Um crime em Monchique	104
Contra a Lei de Cristo e contra a Igreja.....	109
Mais herege do que António Homem.....	112
Judeu até à morte – o caso de Francisco Fernandes	115
Nas vésperas de uma nova vaga	119
4. 1630-1650: A grande entrada	122
Branca Dias confessa.....	122
As primeiras prisões em Faro	126
Em fuga.....	129
1635, 1636 e 1637 – os cristãos-novos de Faro em três autos-de-fé	134
Cristãos-novos ou cristãos-velhos?	139
A entrada em Loulé	141
E tudo termina em Albufeira	145
Noutras paragens	149
5. 1558-1650: um balanço	152

II.	Um panorama sobre os cristãos-novos do Algarve	
1.	Residência e mobilidade	167
	Espaços de residência	167
	Trânsito a Sul	173
	E Castela aqui tão perto	176
	Retratos da diáspora	
	<i>Origem: Vila Nova de Portimão. Destino: Índias</i>	180
	<i>Rumo ao Brasil. O caso dos Ulhoa</i>	184
	<i>O percurso de três “judeus de nação”</i>	187
	<i>Os Delgado, entre as letras e o serviço à coroa</i>	191
	<i>A longa jornada de Diogo Dias Pacheco</i>	194
2.	Actividades sócio-profissionais	195
	Os números	196
	O comércio	200
	O negócio do atum	203
	A evolução de um negócio familiar. Os Gama de Loulé	205
	Os mesteres	209
	O trabalho da terra	212
	Médicos, cirurgiões e boticários	215
3.	Família, solidariedades e quotidiano	221
	A família cristã-nova. Uma tipologia?	222
	Em casa	229
	O amparo dos desprotegidos	237
	Quotidiano e festa	241
4.	“Por observância da Lei de Moisés”. Fé e ritualidade	248
	O ensino da Lei Velha	249
	Guardar os sábados e jejuar de estrela a estrela	253
	Da Páscoa ao São João	257
	No nascer e no morrer	260
	A Torá e a toura	263
	Orar em segredo	270
	Um Padre Nosso ao Santo Moisés	277
5.	Nós e eles. Entre a assimilação e o ostracismo	283
	Judeu!	284
	O que Deus uniu o sangue separou	288
	“Uma migalha de cristão-novo”	292
	Apartar a “infecta nação”	296
	As entreabertas portas da Igreja	301
	“Todos eram uns”. A construção de uma identidade?	304
	Oito escritos suspeitos aparecem em Lagos	308
	Conclusão	315
	Fontes e bibliografia	327

SIGLAS E ABREVIATURAS

ADF: Arquivo Distrital de Faro
AEF: Arquivo Episcopal de Faro
AMF: Anais do Município de Faro
ANTT: Arquivo Nacional da Torre do Tombo
art.º: artigo
BN: Biblioteca Nacional de Lisboa
CC: Corpo Cronológico
CES: Cadernos de Estudos Sefarditas
CG: Conselho Geral
cod.: código
cx.: caixa
doc.: documento
fl.: fólio
IC: Inquisição de Coimbra
IE: Inquisição de Évora
IL: Inquisição de Lisboa
liv.: livro
mç.: maço
n.º: número
p.: página
proc.: processo
REJ: Révue des Études Juives
RFL: Revista da Faculdade de Letras
RHES: Revista de História Económica e Social
RHI: Revista de História das Ideias
t.: tomo
tit.: título
TSO: Tribunal do Santo Ofício
vol.: volume

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

No presente trabalho, foi seguido o Acordo Ortográfico de 1945.

Na citação/transcrição das fontes documentais efectuou-se uma actualização da grafia e da pontuação, exceptuando casos pontuais em que essa actualização poderia comprometer o sentido do texto.

São usadas aspas altas para assinalar a citação e aspas baixas nas alusões a discurso directo.

A grafia dos nomes foi normalizada. Ex: Breatis ou Brites = Beatriz.

Os topónimos foram actualizados. Ex: Tavila = Tavira.

As alcunhas apresentam-se em itálico, tal como os termos não portugueses.